

Trio Adamastor

Prémio Jovens Músicos/Antena 2

Recital dos Vencedores do Nível Superior 2017

09 Out 2018

19:30 Sala 2

PRÉMIO NOVOS TALENTOS AGEAS

Francisco Henriques *violino*

Pedro Massarrão *violoncelo*

José Ribeiro *piano*

Gonçalo Gato

Elementos, para trio com piano (2018; c.8min)*

1. *Melodia*
2. *Ostinato*
3. *Pulsação*
4. *Sonoridade*

Franz Schubert

Trio com piano n.º 2 em Mi bemol maior, D. 929 (1827; c.43min)

1. *Allegro*
2. *Andante con moto*
3. *Scherzo: Allegro Moderato*
4. *Allegro Moderato*

*Estreia mundial; encomenda da Casa da Música ao Jovem Compositor em Residência.

Gonçalo Gato

LISBOA, 1979

Elementos, para trio com piano

Elementos, para trio de piano, violino e violoncelo, é um conjunto de pequenas peças que abordam conceitos elementares da música. Trata-se de construir um discurso extremamente focado, simples e directo.

No primeiro andamento, a melodia é o elemento central que permeia os três instrumentos. É tida como criador momentâneo de harmonia mas também como *sugestor* de outros elementos musicais tais como a escala diatónica ou o acorde triádico.

No segundo andamento, o *ostinato* é assumido como alicerce de todo o discurso, sofrendo transformações graduais.

No terceiro andamento, o elemento pulsação – um elemento basilar e fundamental de toda a música – é tido, não como algo implícito, mas sim como material de construção musical. De forma subtil forma-se e desvanece-se a sensação de métrica.

Por fim, o quarto andamento aborda a sonoridade harmónica numa sequência unida por simples segmentos melódicos.

Franz Schubert

VIENA, 1797

VIENA, 1828

Trio com piano n.º 2 em Mi bemol maior, D. 929

O trio com piano n.º 2 em Mi bemol maior, D. 929 data de 1827, ano prolífico em que Schubert publicou quase 30 obras e completou trinta anos de idade, um ano antes de falecer. O primeiro andamento, de métrica ternária e em forma sonata, inicia-se com clareza e dinamismo clássicos, ainda que sobrepostos a uma actividade modulatória considerável. Apesar do primeiro grupo temático se iniciar na tonalidade principal, rapidamente a dominante toma protagonismo. A melodia mais significativa, quase mozartiana, surge no violoncelo acompanhado pelo violino e por pequenos apontamentos no piano. A conclusão é preparada por salto de tom, isto é, sem preparação harmónica. Estas mudanças repentinas de cor, se quisermos, serão constitutivas neste andamento e colocam-no firmemente numa estética romântica. Após uma transição, o segundo grupo temático, em *pianissimo*, é exemplarmente construído sobre um simples *ostinato*, espécie de paisagem cujas formas se mantêm, mudando apenas de cor. Após o regresso de elementos do primeiro tema, surge um terceiro tema, também *pianissimo*, mas mais frágil, legato e sensível – no violino, repetido no piano. Após uma energética *codetta* (passagem eminentemente cadencial que nos reconduz numa primeira passagem ao início do andamento), este terceiro tema dará o mote para o desenvolvimento. Neste, tudo se torna líquido, misturável, especulativo, mas também solidificável em breves momentos de estabilidade temática e tonal. Segue-se uma reexposição.

O segundo andamento – *Andante*, imortalizado na obra-prima de Stanley Kubrick *Barry Lyndon* (1975) – inicia-se na tonalidade relativa, Dó menor. A superfície rítmico-harmónica da primeira ideia musical – baseada numa melodia tradicional da Suécia intitulada “Se solen sjunker” – traz-nos à ideia um tango (!), tal é a insistência num padrão quaternário regular com subdivisão no último tempo. Há uma extrema economia de meios e uma sobriedade quase clássica, ainda que imbuída de admirável poder expressivo. (É esse poder expressivo que no filme de Kubrick alude ao implacável passar do tempo, sinalizando a queda lenta na qual o protagonista mergulha durante quase toda a longa-metragem.) Após a repetição da melodia principal no piano à oitava, esta atmosfera algo tensa é

libertada num gesto de modulação à relativa maior. Voltamos pois a um certo optimismo e luminosidade, reafirmado em *sforzato* e de forma climáctica, momento em que a tensão regressa para restituir a tonalidade menor e o tema inicial. Seguem-se desenvolvimentos, os quais nunca atingem um grande nível especulativo. Temos a ideia de uma força centrípeta, actuando para manter a música sempre ligada umbilicalmente aos temas iniciais principais.

O terceiro andamento, em Mi bemol maior, é um *Scherzo* (cuja tradução é 'brincadeira') e instaura uma atmosfera leve, quase infantil, dançante. Os instrumentos imitam-se de forma muito evidente e as modulações súbitas só acrescentam largura e profundidade a este mundo de brincadeira, alheio a tensões, tensões essas que marcaram tanto os andamentos anteriores. A secção de Trio é mais musculada, afirmativa, e até um pouco marchante (apesar de manter uma métrica ternária). É de notar a utilização do *ricochet* no violino, anacrúsico, precipitando-se para o tempo forte num gesto quase equestre. Na segunda parte do trio, regressa o *ostinato* que serviu de base ao segundo tema do primeiro andamento e, com ele, o único momento no qual a música sugere um tom menos jovial, quebrando por momentos o optimismo exacerbado e generalizado.

Por fim, o *Allegro moderato* – também em Mi bemol maior – inicia-se de forma quase *scherzante* e algo galante. Tal não deixa adivinhar o que aí vem: um andamento cheio de complexidade contrapontística e formal, de actividade, mas também pleno de riqueza motívica. Após a conclusão do primeiro tema, a segunda ideia musical surge num momento de modulação métrica: a subdivisão ternária cede o lugar a uma divisão binária, que torna a música um pouco mais linear e rápida (as colcheias são agora um pouco mais curtas). A melodia com nota repetida no violino atesta essa linearidade, reiterada depois no violoncelo... e, por fim, no piano, oitavada. A música avança gradualmente para uma actividade incessante, quase frenética, muito virtuosa. Como que por magia, Schubert, aqui revelando mestria na construção de uma transição (feita à custa de uma reexposição do primeiro tema, agora em modo menor), cria as condições musicais e emocionais para o regresso do tema principal do segundo andamento. É aqui reexposto numa superfície fluída, contrastante com a atmosfera original. O piano realiza figurações descendentes e o violino notas em *pizzicato* numa métrica que, também ela, é nova por ser ternária. Regressa depois uma sucessão de secções de carácter contrastante, o que nos dá a sensação de que a música pode seguir em qualquer direcção. Existe um fervor de desenvolvimento assinalável, explorando alguns limites do virtuosismo. Este *finale* deixa, sem dúvida, uma forte impressão no ouvinte e uma sensação de apoteose.

GONÇALO GATO, 2018

Trio Adamastor

Francisco Henriques *violino*

Pedro Massarrão *violoncelo*

José Ribeiro *piano*

O Trio Adamastor surgiu em 2016 como um dos grupos da classe de Música de Câmara orientada por Paulo Pacheco na Escola Superior de Música de Lisboa. Teve também a oportunidade de trabalhar com Miguel Henriques, José Massarrão e Paulo Gaio Lima.

Até à data presente, o Trio tem-se apresentado em várias salas do país das quais se destacam o Auditório Vianna da Motta, o Centro Cultural de Cascais e a Casa da Música. Procura sempre interpretar repertório com o máximo de abrangência, tocando obras de compositores desde Mozart aos contemporâneos Arvo Pärt e Vasco Mendonça.

Ganhou recentemente o 1º Prémio na categoria de Música de Câmara – Nível Superior do Prémio Jovens Músicos.